

## EDITORIAL

O CiFEFiL tem o prazer de apresentar-lhe este número 75 da *Revista Philologus*, do terceiro quadrimestre de 2019, com trezentas e oitenta páginas, vinte e quatro artigos e duas resenhas, com a colaborações dos seguintes autores: Ana Cláudia Castiglioni (p. 213-232), Ana Joaquina Amaral (p. 12-32), Anderson Rany Cardoso da Silva (p. 58-69), Ânderson Rodrigues Marins (p. 172-184), Antonio Cilírio da Silva Neto (p. 213-232), Caio dos Santos Farias (p. 299-313), Camila Oliveira (p. 12-32), Carlos Gustavo Camillo Pereira (p. 270-282), Carlos Roberto de Oliveira Lima (p. 199-212), Celso Kallarrari (p. 103-114), Cleide Emília Faye Pedrosa (p. 330-345), Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (p. 250-269), Danielle Reis Araújo (p. 115-131), Denys Henrique Rodrigues Câmara (p. 12-32), Éderson Luís Silveira (p. 299-313), Elissandro dos Santos Santana (p. 12-32), Expedito Eloisio Ximenes (p. 357-374), Fabiano Aparecido Sales Lima (p. 314-329), Fabíola de Jesus Soares Santana (p. 70-81), Felipe de Andrade Constancio (p. 270-282), Francisco de Assis Florencio (p. 82-102), Francisco Igor Albuquerque Dantas (p. 283-298), Gilvan Santos Gonçalves (p. 185-198), Gladys Plens de Quevedo Pereira de Camargo (p. 158-171), Guilherme Frederico de Moura (p. 48-57), Hadassa Cordeiro (p. 103-114), Jéssica Rabelo Nascimento (p. 199-212), João Paulo da Silva Nascimento (p. 115-131), José Pereira da Silva (p. 7-11, 375-377 e 378-380), Karollyny de Araújo Lima (p. 233-249), Katicilayne Roberta de Alcântara (p. 199-212), Layssa de Jesus Alves Duarte (p. 147-157), Luiz Eleildo Pereira Alves (p. 283-298), Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (p. 147-157), Maria Eduarda Amaral Campos (p. 357-374), Marly Custódio da Silva (p. 33-47), Nataniel dos Santos Gomes (p. 33-47), Nathally Regina Monteiro Nunes Campos (p. 132-146), Nayara da Silva Queiroz (p. 70-81), Norma Cristina Ribeiro Santos (p. 346-356), Patricia Damasceno Fernandes (p. 33-47), Paulo Santiago de Sousa (p. 250-269), Rafaela Cristina da Silva (p. 158-171), Ricardo Tupiniquim Ramos (p. 233-249), Taís Turaça Arantes (p. 270-282), Valquíria Claudete Machado Borba (p. 346-356), Wilder Kleber Fernandes de Santana (p. 299-313) e Wilder Kleber Fernandes de Santana (p. 58-69).

Este número começa com artigo de Camila, Elissandro, Ana e Denys, que resulta de uma pesquisa acerca da experiência docente sobre a contação de história como gatilho para o imaginário e a aprendizagem infantil, aliando saberes adquiridos no ensino de literatura infantojuvenil

com a prática docente.

Patrícia, Marly e Nataniel analisam, no segundo artigo, os processos de criação de palavras, observando que pouco se escreveu sobre esse tema em histórias em quadrinhos e estudando tais processos em neologismos encontrados em revistas da *Turma da Mônica Jovem*.

A seguir, Guilherme estuda a manipulação da palavra por Rubem Fonseca, que remonta às origens do termo escatologia, manejando a “arte” da copromancia no conto *Secreções, Excreções e Desatinos*.

O artigo de Anderson e Wilder elenca os principais conceitos de gramática divulgados e discutidos na academia e debate sobre as práticas de ensino de língua portuguesa envolvendo compêndios de gramática, apontando inúmeras formas de abordá-lo.

Fabiola e Nayara, no quinto artigo, fornecem subsídios para o conhecimento e prática do gênero “introdução de monografia” a partir de suas características, para a realização eficaz dos propósitos comunicativos do gênero e das práticas sociais da comunidade acadêmica.

No sexto artigo, Francisco compara algumas variantes textuais da *Vulgata Clementina* (século XVI) e da *Nova Vulgata* (século XX). Influenciada pelos estudos de crítica textual, esta se diferencia daquela por ter sido produzida a partir de papiros, manuscritos e códices antiquíssimos, elevando-se à condição de mais próxima dos autógrafos do que a *Vulgata Clementina*, que parte de manuscritos da *Vulgata* de São Jerônimo.

O sétimo artigo, de Celso e Hadassa, explora a relação intertextual entre o Salmo 22 e a narração da crucificação, no *Evangelho de Marcos* para identificar as estratégias do discurso religioso de Marcos através do intertexto, para analisar o processo de enunciação de cada passagem e discutir a categorização do Salmo 22 como escrito profético do fato narrado em Marcos 15.

O artigo de João e Danielle analisa a carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro em 1935, a partir da análise de poemas escritos por ele em sua própria *persona* e na personalização dos heterônimos Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, para concluir que a análise de gêneros distintos favorece leituras mais abrangentes relativamente à interpretação histórico-cultural da obra de um poeta.

Em seu artigo, Nathally reflete sobre compreensão da censura prévia de livros de autoras brasileiras no período da ditadura militar no Brasil,

observando que a perspectiva do gênero assume parte relevante na proibição de publicar seus textos, assegurando que elas sofreram um processo de apagamento, por terem sua trajetória literária interrompida.

Tratando do ensino da gramática, Layssa e Luiz Roberto focalizam suas perspectivas científica e da técnica, propondo uma abordagem que parte dos conceitos de transdução e técnica e esclarecendo que o ensino da gramática deve ir além da especulação e da explicação.

No décimo primeiro artigo, Rafaela Cristina e Gladys Plens refletem sobre a etimologia, focalizando no processo evolutivo das palavras, de sua origem ou registro mais remoto ao *status* atual, especialmente os neologismos literários.

No décimo segundo artigo, Ânderson revisita pontos essenciais nos estudos saussurianos, tais como as dicotomias e a semântica estrutural, demonstrando que o estruturalismo nos estudos da linguagem inclui o linguista como figura importante entre o gramático e o filólogo.

O décimo terceiro artigo, de *Gilvan*, aborda a organização retórica do gênero “introdução de monografia”, descrevendo seus passos retóricos e sua organização, a partir da abordagem teórico-metodológica da análise de gênero textual anglo-americana, utilizando introduções monográficas reais na base da análise sociorretórica de gêneros, a partir do Modelo CARS, proposto por Swales.

O décimo quarto artigo, de Carlos, Jéssica e Katicilayne, analisa as janelas da língua brasileira de sinais (libras), refletindo sobre os requisitos básicos das normas da ABNT relativas à produção de conteúdos nacionais e explicando a história dos surdos, para demonstrar que eles ainda não são vistos pela sociedade como deviam.

Antonio Cilírio e Ana Cláudia, no décimo quinto artigo, refletem sobre a tradição lexicográfica e gramaticográfica e sobre o jogo de linguagem das palavras, para melhorar a produção de dicionários e gramáticas, e a compreensão de sua múltipla utilidade, concluindo que essa produção é dinâmica e está se renovando sempre.

O décimo sexto artigo, de Karollyny e Ricardo, apresenta o registro da toponímia de Palmeira dos Índios, feito por Graciliano, em *Caetés*, quando relata a história de João Valério, Luísa e Adrião, analisando o conjunto referido de microtopônimos da cidade, revelando as formas atuais que preservam sua memória e a de seus antigos ocupantes.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

No décimo sétimo artigo, Paulo e Clotilde analisam os estudos sobre a estrutura dos dicionários escolares, em *As Ciências do Léxico*, apresentando sugestões para qualificá-los por meio de pesquisas lexicográficas pedagógicas, indicando a necessidade de se ampliá-las.

O décimo oitavo artigo, de Carlos, Felipe e Taís, expõe a história dos estudos lexicais nas abordagens clássica, estruturalista, gerativista e linguístico-cognitivista, apresentando os avanços e perdas nos respectivos paradigmas e reconhecendo que nenhuma das abordagens apresenta superioridade em relação às outras.

No décimo nono artigo, Luiz e Francisco analisam o gênero meme, definindo-o como gênero social dentro de uma prática organizada nas mídias digitais e demonstrando isto com alguns memes bem conhecidos.

No vigésimo artigo, Caio, Wilder e Éderson relatam o que observaram numa turma em que há um aluno surdo, demonstrando a influência de TICs (como o *Dicionário de Língua Brasileira de Sinais*, por exemplo) e das disciplinas virtuais, destacando as potencialidades dessas tecnologias na educação de surdos.

No vigésimo primeiro artigo, Fabiano constrói o perfil sociolinguístico de missivistas não ilustres da primeira metade do século XX, elaborando uma metodologia a partir da análise textual e/ou grafemática de documentos históricos, para reconstruir a história e indicar o grau de letramento de autores como os das cartas pessoais analisadas.

No vigésimo segundo artigo, Cleide Emília analisa e demonstra como as narrativas da vida demonstram as decepções e as vitórias da comunidade surda em relação a sua educação, a partir das mobilizações sociais baseadas na análise crítica do discurso e na abordagem sociológica e comunicacional do discurso.

No penúltimo artigo, Norma e Valquíria estabelecem um diálogo produtivo sobre os critérios de proficiência do ENEM utilizados para avaliar as redações, assim como seus desdobramentos e contribuições.

O último artigo, de Maria Eduarda e Expedido, faz uma análise linguístico-filológica e diplomática de um testamento escrito no século XIX, observando que as formas lexicais empregadas contribuem para o conhecimento da história da língua, da cultura e da sociedade cearense da época.

Depois dos artigos, seguem as resenhas relativas a duas obras importantes publicadas recentemente, de Evanildo Bechara e das professoras

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Maria da Graça Krieger e Maria José Bocorny Finatto, respectivamente.

Concluindo, o CiFEFiL agradece pelas críticas que nos puder enviar sobre este número da *Revista Philologus*, para produzirmos um periódico cada vez melhor e mais interessante para o aperfeiçoamento da interação acadêmica dos profissionais de linguística e letras.

Aproveitamos para agradecer aos colegas que nos têm apoiado e que vêm contribuindo com seus artigos, sugestões e pareceres, assim como vêm indicando nosso periódico aos seus colegas e orientandos.

Rio de Janeiro, dezembro de 2019.

